

diário: a mulher e o cavalo

diário: a mulher e o cavalo
julia raiz

© Julia Raiz, 2023

Edição: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Tradução: Cecília Resiale, Edgar Zalgade e Fernanda Lopes

Ilustrações: Isadora Fernandes

Capa e projeto gráfico: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Preparação de texto: Bárbara Tanaka

Revisão do original: Guilherme Conde Moura Pereira

Revisão da tradução: Nylcéa Siqueira Pedra

Comunicação: Hiago Rizzi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário responsável: Henrique Ramos Baldisserotto – CRB 10/2737

R161d Raiz, Julia

Diário: a mulher e o cavalo = Diario: la mujer y el caballo / Julia Raiz; ilustração de Isadora Fernandes; tradução de Cecília Resiale, Edgar Zalgade, Fernanda Lopes. – 1. ed. – Curitiba, PR: Telaranha, 2023.

67, 67 p.: il.

Texto bilíngue, português e espanhol.

ISBN 978-65-85830-01-0

1. Ficção Brasileira. I. Fernandes, Isadora. II. Resiale, Cecília. III. Zalgade, Edgar. IV. Lopes, Fernanda. V. Título.

CDD: 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura Brasileira 869.93

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Curitiba/PR

41 3246-9525 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

Outubro de 2023

apêndice 8 sobre miopatia por captura

A captura e o encarceramento de um animal são extremamente estressantes. Uma reação imediata ao estresse é a síndrome “fugir ou lutar”, a que o corpo responde produzindo adrenalina. A produção excessiva, persistente de adrenalina, conduz a um acúmulo de ácido láctico na corrente sanguínea, que afeta a capacidade do coração de bombear corretamente oxigênio para os músculos, o que pode precipitar a morte dos mesmos músculos: miopatia (do grego antigo *pathos*, “sofrimento”, e *mus*, que significa 1. “ratinho do campo”; 2. “um músculo do corpo”). Existem 4 categorias de miopatia por captura, numa escala que vai da superaguda, resultando na morte em minutos, à crônica, quando o animal pode sobreviver por dias e até meses, andando a cavalo e enviando telegramas, até morrer subitamente por insuficiência cardíaca ou de um suposto acidente. Não há tratamento para miopatia por captura.

— Anne Carson, em *O método Albertine*, traduzido por Vilma Arêas

Agora nós estamos trabalhando como cavalos.

— Carta de uma militante da província de Túla (Rússia, 1905), em *A revolução das mulheres*, organizado por Graziela Schneider

sumário

nota da autora à edição bilíngue [9]

prefácio, por assionara souza [13]

diário: a mulher e o cavalo [17]

posfácio, por estela rosa [63]

nota da autora à edição bilíngue

Escrevi o *Diário*, meu primeiro livro, em 2016, aos 25 anos, nos intervalos das aulas e à noite em casa. Na época, eu dava aula de Língua Portuguesa em três escolas diferentes. Também participava do Clube de Leitura Feminista da Central Única das Trabalhadoras (CUT), no qual li *A revolução das mulheres* — livro feito de artigos, atas, panfletos e ensaios sobre a Rússia Soviética, escritos por mais de dez autoras, organizados por Graziela Schneider para a Boitempo Editorial e traduzidos por 14 tradutoras. Desse livro, saiu a segunda epígrafe do *Diário*, a frase da militante de Tula.

De 2016 a 2023, vivemos, como país, um ciclo de sete anos de mudanças e provações. Foi um período muito desafiador, com o *impeachment* injusto da presidenta Dilma, o fortalecimento da extrema-direita e uma pandemia. Foi difícil — para dizer o mínimo.

Em 2017, ano da publicação da primeira edição deste livro pela Contravento Editorial (obrigada, Flávia e Natan), Assionara Souza, que assina o prefácio, ainda estava aqui com a gente, assim como outras e outros poetas da cidade que depois fizeram suas passagens.

Também em 2017, ganhei um baita presente: a tradução, que você poderá ler agora, feita por Edgar Zalgade e Cecilia Resiale. Edgar é um leitor de Tenerife, e Cecilia, sua amiga argentina. Depois de tanto tempo, a tradução finalmente será lida, com revisão da professora Nylcéa Siqueira Pedra. Além disso, Fernanda Lopes foi responsável pela tradução do posfácio e desta nota. A essas quatro pessoas tradutoras, agradeço imensamente pela oportunidade de ser lida em outra língua. É meu desejo que o *Diário* encontre caminhos pela América do Sul.

Durante esses sete anos, outras tantas coisas mudaram na minha vida. Hoje, não entro mais em sala de aula como professora de Língua Portuguesa — só como escritora. E, agora, temos uma filha: Agnes. Porém, o que não mudou foi meu compromisso com a escrita. O que não mudou foram as amizades preciosas que continuaram falando do *Diário*, até quando eu não conseguia mais falar. E foi assim, no boca a boca, que levamos o livro para frente.

Essas amizades estão representadas aqui por Estela Rosa e Natasha Felix, duas poetisas que admiro e por quem tenho um carinho enorme, que escreveram posfácio e orelha. E muitas das primeiras leitoras do livro compõem nossa grama, Membrana. Aproveito para deixar um abraço especial a Taís Bravo, que levou o *Diário* para suas oficinas de escrita.

Preciso dizer que, apesar de tudo o que ainda temos a fazer, é um prazer acompanhar as movimentações coletivas na cidade nesses últimos anos. A parceria com a Telaranha surgiu assim, da coletividade. Obrigada, Bárbara e Guilherme, por cuidarem tão bem do *Diário*!

Obrigada a Isadora Fernandes, que fez as colagens que você encontrará aqui bem no meio do miolo, além da colagem da capa. Essas colagens existem desde 2017, mas agora recebem o tratamento que precisavam. Existem dois

livros — o que eu fiz com palavras e o que Isadora fez com imagens. Muito obrigada por tudo, minha amiga!

Também quero agradecer imensamente a todas as pessoas que se sentiram contaminadas pela obsessão deste livro — pessoas que me mandaram suas impressões, histórias, memórias, indicações de filmes, livros e memes, todos envolvendo cavalos.

Para terminar, quero contar que, na semana que comecei esta nota, sonhei que estava em cima do meu cavalo sem sela, cabresto ou espora. Em uma encosta, procurando um caminho para seguir sem que a gente caísse na água. Meu cavalo e eu buscando sobreviver.

Na mesma semana, meu irmão Ulysses me ligou e, sem que eu mencionasse o assunto, disse o seguinte: *Imagine uma manada de cavalos. Tem um cavalo que encontrou água e comida e agora vai mostrar para os outros como encontrar também. Você é esse cavalo.*

Percebi que o *Diário* é um livro escrito para todos os cavalos que encontrei ao longo das minhas vidas nas montanhas. Nessa e em outras vidas. Que andavam comigo na grama por encostas e desertos, que me carregavam e também me derrubavam quando era preciso. Você, pessoa que me lê, também é esse cavalo.

Julia Raiz

desenha-me um cavalo?

por Assionara Souza

Habitar outras formas. Experimentar ser e estar na condição de um outro ser. Migrar do previsível lugar em que o corpo, reconhecido em si, se acomoda em seus feixes de ossos, cobertos por músculos e pele, as estruturas todas em conformidade com, entre tantos distantes outros, este estranho aqui: “meu corpo”. É esse o exercício que Julia Raiz divide conosco em seu caderno, livro de estreia, *Diário: a mulher e o cavalo*. O desenho começa tímido, como se o encontro não houvesse de fato acontecido. Somente um indício no vento. Um pensamento laço capturando o escolhido animal à distância de uma antecipação. Um desconcerto. Viração sutil da atmosfera. Estudo inicial: o projeto. Capturar o animal e trazê-lo, não sem antes saber suas verdades em sendo o bicho essa natureza outra; “A captura e o encerramento de um animal são extremamente estressantes”, adverte Anne Carson. Conduta primeira. Os distúrbios todos gerados pela máquina equina e esquiva de existir: o corpo. “Cogitei escrever uma história sem homens”. Seta lançada ao infinito: “É possível escrever um livro assim?”. E assim é dado início ao inventário, à coleção, ao acervo, à bagagem que a narradora vai

amealhando em sua sela. Imagens povoam o campo das sensações. Desde o primeiro momento do dia, o círculo em cujo centro o tempo feito potro a ser domesticado atrai referências. A mulher convoca o animal como se do íntimo de seu corpo feminino um vasto pasto se oferecesse. E os “nós insondáveis que aproximam mulher e bicho” começam a ser tecidos. Mas sem compulsão; a mão é suave, conduz com regular cuidado (embora displicente) as linhas que vão definir a forma: “A cada dia eu escrevo menos, jogo com uma linha, sou displicente”. Também porque cavalos habitam coisas e seres, como os touros da linguagem cabralina, que pretendem explodir e derramar lirismo no campo neutro da folha. A narradora coleta depoimentos dos que se interessam pelo tema: “A menina que eu encontrei na lanchonete falou que as mulheres têm que fazer que nem os cavalos na umbanda: transmitir”. E, nesse processo em que mulher e bicho se fundem numa terceira brutassuave criatura, é preciso também convocar os híbridos do mundo: “Stein Bernau é um menino trans de 14 anos viciado em cocaína que adora a banda Wild Nothing”. E o exercício ultrapassa limites prescritos em livros: “me imagino carregada no útero de um cavalo macho”. Esse novo parto engendra violências e impulsos cruéis são invocados à trama. Desejo de ferir e matar sem culpa. Desejo de destroçar um corpo humano com as patas e, no momento seguinte, mascar o feno como se nenhuma memória interferisse no prazer imediato dos sentidos. O processo se desdobra em outras referências, colagens de partes que instigam o olho a continuar o tracejo da forma. Sugestões implícitas em ferocidade de falo ou suavidades de crinas. Con(fusões). Reminiscências de uma relíquia da infância, um cavalo de madeira guardado no sótão. Terá existido? Ampliam-se o campo das possibilidades, o animulher se expande: “Dei voltas à toa, sem saber voltar para casa, porque este livro é

todo impossível, perdi a capacidade de traçar caminhos”. Mutações se multiplicam com a velocidade das sugestões do Google: variações cromossômicas dinâmicas — humores, tumores. Cavalos em círculo percorrem o carrossel. Julia Raiz prossegue a doma. Desdobra-se em projeto literário com um propósito: adquirir cavalos. Um texto carregado de truques: “Sujeira é matéria que cruzou os limites as fronteiras que não deveria cruzar um texto estuporoso”. Até que se avista, ao longo, o ponto ótimo do encontro: “Quando eu sopro, também sopra o vento que mexe a camisa de algodão lá fora, quando eu sopro, também sopram a mulher e o cavalo juntos antes de se apagarem para se transformarem em outra coisa”.

Trata-se de um livro sem manual de advertências. Diário (quase) confessional de procurar dentro de um patíbulo escuro um cavalo negro que não está lá.

Assionara Souza (1969-2018) foi uma escritora, dramaturga e pesquisadora brasileira.

diário: a mulher e o cavalo

quando está frio, você faz brrrrr

Acontece quando eu estou cozinhando, da última vez eu estava cortando legumes, desta vez foi no meio do macarrão com abobrinha. É como se ele me chamasse, a mulher e o cavalo, um livro como a vaca sagrada do Inglês de Sousa: mãe de todos, preenchido por espuma, inflável. Cogitei escrever uma história sem homens. Sem dúvida, é uma cópia de uma ideia masculina, de um filme do David Cronenberg a que eu assisti mês passado. Um filme que um moleque com dinheiro fez ainda na faculdade, narrado por um dos personagens. A atuação daquele cara era realmente impressionante, o rosto dele me lembrava a cara de um cavalo ou talvez de um amigo de infância. Eu gostaria muito de ser sincera, no molho de tomate eu joguei uma quantidade não medida de orégano, manjericão, manjerona e pimenta-do-reino, sem saber se era o suficiente, sem saber se ia combinar, se ia agradar. É possível escrever um livro assim? Da mesma forma que se tempera o molho? Uma escritora pode perguntar coisas para quem a lê? Ou uma cozinheira pode não provar o molho antes de servi-lo? Eu nunca provo a comida, mas acho que uma das maneiras de uma mulher atingir a maturidade

é jogando um pouco de leite de mamadeira no torso da mão para medir a temperatura. Só mulheres maduras têm filhos, não importa quantos anos elas tenham. Por outro lado, as éguas não precisam medir a temperatura do leite, porque ele sai irretocável das suas tetas e quando cessa é porque o potro desmamou. Tem poucas coisas mais irritantes do que um homem crescido que mora sozinho no seu apartamento de 30 m², não lava as próprias roupas e toma um copo de leite com achocolatado antes de dormir ou ao acordar. O macarrão com abobrinha manda lembranças do meu estômago quando eu penso nesse tipo.

Pensei na mulher e no cavalo de manhã, antes de trabalhar, enquanto passava pela rua e as mulheres abriam as lojas de sapato. Os donos das lojas de sapato são todos homens e as funcionárias precisam usar maquiagem e salto alto. Hoje eu vi uma funcionária andando toda torta em cima do salto, sorrindo. Desde que eu comecei a trabalhar no centro, não tentam mais me vender coisas, eu cheiro a funcionária como elas. Então, os ambulantes me respeitam porque eu ainda preciso chegar em casa e preparar o jantar. Na volta para casa, eu também pensei na mulher e no cavalo, e por que não nas éguas? Os machos na natureza, como são eles? É preciso me convencer todos os dias de que escrever vale estar acordada. Anoto na contracapa dos livros as passagens sobre cavalos. Não sobre mulheres, porque todos os livros já escritos falam sobre mulheres, então seria como copiar todos os livros com os quais já tive contato na vida. No livro da Svetlana, sobre a Segunda Guerra Mundial, encontrei passagens preciosas. Me lembro também de um poema da Cecília Meireles, um de título longo como “Lamento do oficial por seu cavalo morto”. Nem é tão bonito, mas eu gosto porque sempre pensei neles